

A REFUTAÇÃO DO DUALISMO CARTESIANO E DO LIVRE-ARBÍTRIO NO PENSAMENTO FILOSÓFICO DE BENEDICTUS DE SPINOZA

Viviane Silveira Machado *

DOI: <https://doi.org/10.52521/conatus.v16i27.14925>

INTRODUÇÃO

Um fato inegável é o de que a filosofia de Benedictus de Spinoza¹ possui algumas influências do pensamento cartesiano. Ora, a clareza e a distinção para a compreensão de uma ideia, por exemplo, são indícios fortes dessa influência. No entanto, o pensador holandês seiscentista construirá as bases de seu sistema filosófico em sua obra maior, *Ética*², de forma bastante peculiar e bem distanciada do pensamento filosófico de Descartes. Em sua obra magna além do rigor matemático serem imprescindíveis, também, as regras do rigor geométrico euclidiano serão de suma importância para a afirmação e demonstração de sua teoria filosófica imanentista.

* Doutoranda em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará – UFC. Bolsista, cuja pesquisa e produção filosófica de dá através do incentivo da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico- FUNCAP. Mestra em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará – UFC. Licenciada em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará – UECE e licenciada em História pela FAVENI. Membro do GT Benedictus de Spinoza desde 2018. Email: vivianemachado10@gmail.com

1 Sobre a vida de Spinoza, cf. COLERUS, Jean. A Vida de Spinoza por Colerus. Fortaleza - CE: **Revista Conatus** — Filosofia de Spinoza, 2010, Disponível: em: www.benedictusdespinoza.pro.br/revista_conatus_. Acesso dia 23 de dezembro de 2024.

2 Para citação da obra magna *Ética*, será utilizada a *Ética* cuja tradução realizou-se por meio do Grupo de Estudos spinozanos, sob a coordenação de Marilena Chaui, pela Editora da Universidade de São Paulo, 2021. Portanto, além das normas vigentes da ABNT para referência (autor, ano e página), utilizaremos o modelo segundo as siglas utilizadas por estudiosos (as) spinozanos (as), a saber, E = *Ethica ordine geometrico demonstrata* e as seguintes abreviaturas: Partes I, II, III, IV e V = E1, E2, E3, E4, etc., Prefácio = Pref.; Axiomas I, II = Ax1, Ax2, etc.; Definição 1, 2, etc. = Def1, Def2, etc.; Proposição I, II, III, etc. = P1, P2, etc.; Demonstração = D; Escólio = S; Corolários = C; Postulados = Post; Definição dos Afetos = AD; Apêndice e capítulo = A1, A2; etc.; Introdução antes das definições = I; Lema I, II = L1, L2, etc.; Explicação I, II, etc. = Ex1, Ex2, etc. Exemplo: (E2P13D) = *Ética*, Parte II, proposição 13, demonstração.

Para compreendermos seu pensamento filosófico será preciso observarmos como na filosofia de Spinoza a infinita liberdade de Deus e potência desembocam em um monismo substancial e absoluto. Pois segundo o autor, “Deus é causa imanente de todas as coisas, mas não transitiva” (E1P18). Por isso, a demonstração do conceito de causa de si (*causa sui*) é fulcral para entendermos por que Deus é causa imanente de todas as coisas e por que não pode haver duas ou mais substâncias, e, que sua causa é imanente. Isso ocorre porque suas expressões são efeitos de sua potência infinita. Além do mais, Deus não se separa de seus efeitos, mas produz seus efeitos de maneira certa e determinada. Portanto, é também causa imanente eficiente de todas as coisas.

DUAS CONCEPÇÕES DISTINTAS

Para observarmos melhor a filosofia de Spinoza³, primeiramente será necessário

3 Spinoza escreveu um total de oito obras, a saber, o *Breve Tratado de Deus, do Homem e do Bem-Estar (Korte Verhandeling)*. *Tratado da Emenda do Intelecto (Tractatus de Intellectus Emendatione)*. *Princípios da Filosofia Cartesiana (Principiorum Philosophiae)*, seguido de seus *Pensamentos Metafísicos (Cogitata Metaphysica)*. *Tratado Teológico-Político (Tractatus Theologico-Politicus)*. A obra magistral *Ética (Ethica Ordine Geometrico Demonstrata)* e, por fim, o *Tratado Político (Tractatus Politicus)*. Este último ficou incompleto devido seu precoce falecimento. Foram também contabilizadas um total de 88 correspondências. Ressalta-se que no mesmo ano da morte de Spinoza (1677) foi publicado em idiomas distintos um conjunto de todas as obras do autor. Sendo uma em língua latina sob o título *B. de S. Opera Postuma* e a outra em língua holandesa com o título *De Nagelate Schriften van B. d. S.* Por fim, além dessas obras, nosso autor também produziu um *Compêndio de Gramática da Língua Hebraica* (inacabado) que, por um bom tempo, permaneceu desconhecido. Ambas publicadas por Jarig Jelles e Lodewijk Meijer, amigos de muita estima e confiança do pensador Spinoza em *Opera Posthuma* no ano de 1677. No entanto, a *Gramática* não teve a mesma notoriedade que as demais obras.

apontar que o filósofo moderno⁴, Descartes, de quem nosso autor recebe grandes e importantes influências, pontua em alguns de seus escritos observações importantes acerca do conceito de Deus. Inclusive isso pode ser observado no *Discurso do Método* (1637), cujo francês aponta alguns esclarecimentos onde a questão de Deus é abordada, mais precisamente, na Quarta parte. Posteriormente, também é possível observarmos nas *Respostas às Objeções* (1641) que o Descartes trata essa questão tanto na primeira como também na segunda parte. Além disso, em suas *Meditações Metafísicas*⁵ (1641) essa questão é abordada nos dois primeiros argumentos da Terceira parte. Já na Quinta parte, isso será observado como uma forma de trazer uma solução para o terceiro argumento. Além do mais, na obra *Princípios da Filosofia*⁶ (1640), Descartes observa essa problemática na Primeira Parte. E, por último, e não menos importante que as obras supracitadas, o pensador francês também discute essa questão em algumas de suas correspondências.

É interessante ressaltar que Descartes e Spinoza se distanciam em relação aos métodos. Por exemplo, em relação às demonstrações do método geométrico⁷ utilizado por Spinoza, em

sua *Ética*, esclarecemos que nosso autor utiliza o método da síntese. Dito de outra forma, Spinoza parte do todo, isto é, da ontologia de Deus, para que assim, seja possível chegar ao homem, observando que este é um modo finito que age de forma determinada, e, que além disso, é parte da potência de Deus. Em se tratando de Descartes, o autor segue o método da análise, onde primeiramente, utiliza o *cogito* até chegar ao conhecimento de Deus. Para explicar sua decisão no que diz seu método analítico, Descartes escreve, em suas *Objeções e Respostas*⁸, por exemplo, que compreende que enquanto o método analítico utiliza-se da “análise ou resolução”, o método sintético, por sua vez, utiliza-se da “síntese ou composição”. Ora, segundo o pensador francês:

[...] a análise mostra o verdadeiro caminho pelo qual uma coisa foi metodicamente descoberta e revela como os efeitos dependem das causas; [...] No entanto, o autor adverte aos leitores que, “tal espécie de demonstração não é capaz de convencer os leitores teimosos ou pouco atentos: pois se deixar escapar, sem reparar, a menor das coisas que ela propõe, a necessidade de suas conclusões não surgirá de modo algum; [...] A síntese, ao contrário, por um caminho todo diverso, e como que examinando as causas por seus efeitos (embora a prova que contém seja amiúde também dos efeitos pelas causas) demonstra na verdade claramente o que está contido em suas conclusões, e serve-se de uma longa série de definições, postulados, axiomas, teoremas e problemas [...]. (Descartes, 1973c, p. 176 -7).

No que diz respeito à Substância e seus Atributos, ainda que Deus⁹ seja único – como bem afirma Descartes – não há somente uma única Substância, mas várias. Conforme o autor

8 Cf. DESCARTES, René. *Objeções e respostas*. In: **Descartes**. Introdução de Gilles-Gaston Granger. Prefácio e notas de Gérard Lebrun. Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. 1. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1973b, p. 83-152. (Coleção Os Pensadores).

9 “As provas cartesianas da existência de Deus não partem, como as vias tradicionais, das criaturas, do mundo e do movimento para a causa primeira. As provas cosmológicas e teológicas pressupõem a existência do mundo, que neste lugar do itinerário cartesiano é ainda duvidosa. O ponto de partida das provas cartesianas serão as conclusões do *cogito*: a existência dos meus pensamentos e do eu que os possui” (Jesus, 1998, p. 348). Cf. JESUS, Luciano Marques de. As provas da existência de Deus em Descartes. **Revista Veritas** Porto Alegre. v. 43, n. 2, p. 347–364, 1998. DOI: 10.15448/1984-6746.1998.2.35406. ISSN: 1984-6746 Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/veritas/article/view/35406>. Acesso em: 29 abr. 2023.

4 Segundo Luciano de Jesus: “subjetividade tornou-se o novo ponto de partida de toda filosofia, e se dá sobre tudo a partir de René Descartes” (Jesus, 1997, p. 10). Entretanto, para Urbano Zilles: “talvez nossos manuais de história da filosofia tenham exagerado a originalidade de Descartes na questão do antropocentrismo moderno, pois, no mínimo tem um longínquo precursor no Cardeal Nicolau de Cusa (1404-1464) [...] Todos os seus escritos têm como centro de interesse e força motora o homem”. (Zilles, 1993, p. 11 *apud* Jesus, 1997, p. 10). Acerca desse assunto, cf. JESUS, Luciano Marques de. **A questão de Deus na Filosofia de Descartes**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

5 Cf. DESCARTES, René. *Meditações*. In: **Descartes**. Introdução de Gilles-Gaston Granger. Prefácio e notas de Gérard Lebrun. Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. 1. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1973b, p. 83-152. (Coleção Os Pensadores).

6 Cf. DESCARTES, René. **Princípios da Filosofia**. Tradução de João Gama. Lisboa: Edições 70, 1997. (Textos Filosóficos).

7 Acerca do *More Geometrico Demonstrata*, Emanuel Fragoso defende “a hipótese de que Spinoza fazia distinção entre a demonstração pelo ‘Método Geométrico’ (*More Geometrico Demonstrata*) e pela ‘Ordem geométrica’ (*Ordine Geometrico Demonstrata*)”. (Fragoso, 2010, p. 11). Para uma melhor compreensão acerca dessa terminologia, Cf. FRAGOSO, Emanuel Angelo da Rocha. Uma análise do “método” empregado na *Ética* de Benedictus de Spinoza. **Kalagatos**. v. 7, n. 14, p. 11–32, 2010. ISSN 1984-9206. DOI: 10.23845/kalagatos.v7i14.5977. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/kalagatos/article/view/5977>. Acesso em: 26 jan. 2024.

cita na obra *Princípios da Filosofia* (1640), por exemplo: “cada substância tem um atributo principal; o da alma é o pensamento, o do corpo é a extensão¹⁰”. (Descartes, 1997, artigo 53, p. 46). Além disso, para o pensador francês, *res cogitans* e *res extensa* são substâncias criadas que podem existir de formas independentes.

Na *Ética* o pensador holandês inicia seu edifício filosófico a partir do conceito de causa de si (*causa sui*) na definição 1 da Parte 1 do *De Deo*. O autor demonstra-nos que a causa de si é “aquilo cuja essência¹¹ envolve existência, ou seja, aquilo cuja natureza não pode ser concebida senão existente” (E1Def1). Em seguida, será demonstrado na definição 2 o conceito do que é finito em seu gênero, ou seja, “aquela coisa que pode ser delimitada por outra da mesma natureza. P. ex., um corpo é dito finito porque concebemos um outro sempre maior” (E1Def2). Nessa definição, Spinoza estabelece que não pode haver superioridade da mente sobre o corpo, mas de um pensamento sob outro pensamento e de um corpo sob outro maior, ou mais potente. Ora, segundo esclarece-nos na mesma definição “um pensamento é delimitado por outro pensamento. Porém, “um corpo não é delimitado por um pensamento, nem um pensamento por um corpo” (E1Def2). Sendo assim, jamais um corpo poderá ser delimitado por um pensamento ou vice-versa. Ora, inicia-se o percurso que desembocará nas afecções de seus atributos. Entretanto, para Chaui¹² será a

10 “Podemos, portanto, ter duas noções ou ideias claras e distintas: uma de uma substância criada que pensa e outra de uma substância extensa, desde que separemos cuidadosamente todos os atributos do pensamento dos atributos da extensão. Também podemos possuir uma ideia clara e distinta de uma substância não-criada que pensa e que é independente, isto é, de um Deus, [...]” (Descartes, 1997, artigo 53, p. 46).

11 No escólio da proposição 11 da parte 1 da *Ética*, o pensador holandês esclarece-nos que a essência de Deus “exclui toda imperfeição e envolve absoluta perfeição, por isto mesmo suprime toda causa de duvidar de sua existência” (E1P11S).

12 “Na tradição aberta por Avicena e prosseguida por Tomás, a definição da essência não inclui sua existência, está vindo se acrescentar a ela pelo ato criador, havendo, portanto, distinção real entre ambas, seja como distinção entre matéria e forma, seja como distinção entre essência e *esse*. Deus, como diz Tomás, é *ipsum esse*, atualidade pura da essência existente *a se* (isto é, sem causa); as criaturas, porém, recebem o ser para que suas essências passem à existência, isto é, subsistam fora de sua causa, pois existir é separar-se da causa, uma vez que a perspectiva criacionista exige que a causa da existência

composição da Parte 1 da *Ética* o maior percurso para demonstrar a univocidade do ser de Deus que é causa absoluta de todas as coisas e que todas as coisas são em Deus.

Em seguida, o autor esclarece-nos o conceito de substância na definição 3 que a substância é “aquilo que é em si e é concebido por si, isto é, aquilo cujo conceito não precisa do conceito de outra coisa a partir do qual deva ser formado¹³” (E1Def3). Posteriormente, o autor apresenta-nos na definição 4 que atributo é “aquilo que o intelecto percebe da substância como constituindo a essência dela” (E1Def4). Respectivamente, o autor esclarece-nos o que são os modos na definição 5. Conforme cita, “por modo entendo afecções da substância, ou seja, aquilo que é em outro, pelo qual também é concebido” (E1Def5). Por conseguinte, Spinoza esclarece-nos na definição 6 o conceito de Deus, ou seja, “por Deus, compreendo o ente absolutamente infinito, isto é, a substância que consiste em infinitos atributos, cada um dos quais exprime uma essência eterna e infinita¹⁴”

seja radicalmente extrínseca à essência. Antes da criação, a essência é neutra, isto é, indiferente à existência. Pode-se, porém, manter a distinção real entre ambas após a criação? Avicena a mantém, definindo a existência como um acidente da essência ou aquilo que, comunicado é a essência possível, acompanha a essência atual por toda a duração; mas Tomás não a conserva, pois a existência não é acidente ou predicado acrescentado a essência e sim o ato da essência ou o ato de existir. E isso, porém não impede que as coisas existentes, deixadas a si mesma, efetuem a propriedade característica das essências finitas, a vertiginosa inclinação para o nada, sustado apenas pela ação providencial de Deus, o único que é *ipsum esse subsistens*” (Chaui, 1999, p. 389). Cf. CHAUI, Marilena de Souza. Prolegômenos à substância e ao modo. In: **A Nervura do Real: imanência e liberdade em Spinoza**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 383-435.

13 “*Per substantiam intelligo id, quod in se est, & per se concipitur: hoc est id, cujus conceptus non indiget conceptu alterius rei, à quo formari debeat*” (E1Def3, SO2, p. 45). Observa-se que na *Ética*, a definição 3, escrita na língua latina, no que concerne a preposição **in**, bastante utilizada nessa língua, a tradução **em** está no ablativo (quando empregada com “um verbo de movimento ou permanência circunscrito”). No entanto, as preposições podem se reger em outra forma, ou seja, no acusativo (quando utilizada com um “verbo de movimento”). Neste caso, o **in**, certamente pode ser traduzido nas seguintes formas: **para, a, contra**. Para uma maior compreensão da gramática latina, consultar: ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática Latina**: curso único e completo. 25ª ed. São Paulo: Saraiva, 1994, p. 144.

14 “*Per Deum intelligo ens absolute infinitum, hoc est, substantiam constantem infinitis attributis, quorum unumquodque aeternam, & infinitam essentiam exprimit*” (E1Def6).

(E1Def6). Na definição 7, o autor reflete acerca do que é a coisa livre (*res libera*). Sendo assim, o autor da *Ética* demonstra enfaticamente aos seus leitores que “é dita livre aquela coisa que existe a partir da só necessidade de sua natureza e determina-se por si só a agir. Porém, necessária ou antes, coagida, aquela que é determinada por outro a existir e a operar de maneira certa e determinada” (E1Def7). E, por fim, Spinoza conceitua na definição 8 por eternidade “a própria existência enquanto concebida existir necessariamente da só definição da coisa eterna¹⁵” (E1Def8).

O conceito de Deus, conforme observado, dá-se na definição 6 da parte 1 da *Ética*. Portanto, o que o autor tratará primeiramente será a definição de “causa de si”. Dado o exposto, lançamos a seguinte indagação: por que Spinoza segue esse rigor de pensamento? Ou seja, por que o autor começa pela definição do conceito de “causa de si”? Acerca dessa questão, segundo Deleuze, “tradicionalmente, a noção de causa de si é usada com muitas precauções, por analogia com a causalidade eficiente (causa de um efeito distinto). E, portanto, em um sentido apenas derivado: causa de si significaria ‘como por uma causa’” (Deleuze, 2002, p. 62). Entretanto, no *De Deo*, segundo Deleuze¹⁶, Spinoza “desarticula esta tradição e faz da causa o arquétipo de toda a causalidade, seu sentido originário e exaustivo¹⁷”. Da mesma forma, conforme nos esclarece Chauí “essa definição cumpre a exigência de começar pela causa, fundadora de

todo conhecimento verdadeiro” (Chauí, 1999, p. 62). E, por isso, incomensuravelmente nessa definição se dá a “subversão espinosana¹⁸, porque, contrariando toda a tradição e afastando dificuldades e escrúpulos cartesianos¹⁹, Espinosa afirma ser necessário que tudo tenha causa e que o que é absolutamente seja causa de si” (Chauí, 1999, p. 62). Inclusive, para Rizk, “Spinoza considera a *causa sui* como a condição de toda inteligibilidade da substância” (Rizk, 2010, p. 29). Ora, efetivamente isso significa que primeiro “a existência se desdobra como a produtividade, a fecundidade da essência concebida como potência, quer dizer, como a plenitude afirmativa, infinita do ser²⁰”. Retomando o pensamento de Chauí, segundo a autora, “se não houver causa determinada, não há efeito nenhum²¹”. Por exemplo, os efeitos da Substância absolutamente infinita são os

18 Um grande crítico da filosofia de Spinoza será o francês Pierre Bayle (1647-1706). Para ele, a teoria de Spinoza é para o pensamento moral “uma abominação execrável”. É com ele, ou seja, a partir de seu *Dicionário histórico e crítico*, como bem apresenta-nos Chauí, “que nasce propriamente a tradição interpretativa do espinosismo” (Chauí, 1999, p. 281).

19 Acerca desse assunto, segundo Chauí, Bayle também observa que “os novos filósofos (os cartesianos) negam a distinção real e a separação entre substância e acidente, e para marcar sua posição, chamam os acidentes de modos, modalidade e modificações, afirmando que há apenas substâncias e modos”. Entretanto, Spinoza, ainda que cartesiano, não irá “empregar os conceitos de substância e de modo à maneira cartesiana”. Sendo assim, segundo a autora, Bayle conclui que “tendo Espinosa definido a substância como o que existe por si mesmo, independentemente de toda causa eficiente, de toda causa material e de todo sujeito de inerência, para ele matérias e almas humanas não poderiam ser substâncias em sentido estrito”. Ora, afirmar que apenas uma substância única existe traz como efeito a negação de Deus como criador do mundo coloca-o como sendo imanente e não transcendente ao mundo. Tal assertiva de Spinoza, conseqüentemente, no pensamento de Bayle anula a possibilidade de fazer o que os cartesianos explicitavam: ou seja, “substâncias criadas ou substância em sentido lato”. Por isso, para a pensadora spinozana, Spinoza traz como grande subversão colocar os modos assim como as modalidades e modificações tanto para as substâncias criadas como também para os modos. Conforme cita: “em outras palavras, para Espinosa os modos não se distinguem realmente de Deus, não existem fora dele nem subsistem sem Ele, não atuam fora dele, pois fora de Deus não há nada. [...]”. Cf. Chauí, 2016, p. 54-55. Acerca desse assunto, cf., CHAUI, Marilena de Souza. A nervura do real II: imanência e liberdade em Espinosa. In: CHAUI, Marilena de Souza. **Em busca da essência de uma coisa singular**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. Cap. 1, p. 51-73.

20 Rizk, 2010, p. 33.

21 *Ibid.*, p. 29.

15 Além das 8 definições supracitadas na Parte I da *Ética* Spinoza nos traz 7 axiomas que configuram seu alicerce filosófico em ordem geométrica. Ora, as definições e axiomas são demonstrações que se sustentam segundo o rigor da matemática e geometria euclidiana, ou seja, são demonstrações autossuficientes e apoiadas *per se*. Mesmo assim, nosso autor utilizará várias proposições, demonstrações, escólios, etc., para demonstrar que suas ideias correspondem ao rigor de seu pensamento. Por exemplo, segundo Chauí, “no Apêndice da Parte I da *Ética*, a matemática é prezada por haver trazido aos homens uma outra norma de verdade, que os libera do peso da superstição [...]. Segundo a autora, “deve haver alguma necessidade ligando ordem geométrica e *mea philosophia*, pois a expressão norma da verdade refere-se à potência do intelecto para o verdadeiro” (Chauí, 1999, p. 565).

16 “Já se pode prever a transformação que Espinosa, contra Descartes, vai impor às provas da existência de Deus. Isso ocorre porque todas as provas cartesianas procedem pelo infinitamente perfeito. E não somente procedem assim, como também se movem no infinitamente perfeito, identificando-o à natureza de Deus. [...]” (Deleuze, 2017, p. 75).

17 Deleuze, 2002, p. 62.

modos que se exprimem através dos infinitos atributos infinitos²² uma diversidade de coisas determinadas e distintas.

As definições e os axiomas do *De Deo* são alicerces importantíssimos para compreendermos todo o sistema filosófico da *Ética* de Spinoza. Sendo assim, vejamos mais uma vez o que nos diz a definição 6 da Parte 1 do *De Deo*. Segundo o autor, Deus é o “ente absolutamente infinito, isto é, a Substância que consiste em infinitos atributos, cada um dos quais exprime uma essência eterna e infinita” (Spinoza, 2021, p. 45). Exemplificando, Deus é simultaneamente *Natureza Naturante* (*per si*) e *Natureza Naturada* (*in alio*). Dessa forma, observando a definição acima citada é possível refletir como podemos compreender a ideia de Deus-Natureza em Spinoza a partir da explicitação de Chaui. Conforme cita a pensadora, “o que vem a garantir a identidade Deus-Natureza é a ideia do ser absolutamente infinito como complexidade de uma substância cuja essência é constituída por infinitos atributos infinitos em seu gênero” (Chaui, 1999, p. 799).

Sendo assim, é imprescindível observar que na *Ética*²³ indubitavelmente a Substância, isto é, Deus, por ser ente absolutamente infinita e *causa sui* exprime-se de maneira certa e determinada em todos os seres existentes e porque é “causa eficiente imanente²⁴” necessariamente causa todas

22 Segundo Rizk, “o ser infinito da causa de si implica uma diversidade infinita de modos: pertence, pois, à causalidade imanente do infinito exprimir num mesmo processo o caráter absoluto do real, bem como uma certa alteridade de coisas singulares, as quais se explicam pela potência de ser que a sua essência singular diversifica. Numa palavra, a novidade absoluta da *causa sui* consiste realmente em que Deus é causa de si no mesmo sentido que é causa de todas as coisas” (Rizk, 2010, p. 33).

23 A *Ética* é um livro simultaneamente escrito duas vezes. Uma vez no fluxo contínuo das definições, proposições, demonstrações e corolários, que explica os grandes temas especulativos com todos os rigores do raciocínio; outra, na cadeia quebrada dos escólios, linha vulcânica descontínua, segunda versão sobre a primeira, que exprime todas as cóleras do coração e expõem as teses práticas de denúncia e libertação. Todo o caminho da *Ética* se faz na imanência; mas a imanência é o próprio inconsciente e a conquista do inconsciente. A Alegria ética é o correlato das afirmações especulativas” (Deleuze, 2002, p. 34-35).

24 Ainda sobre o conceito de causa de si, segundo Chaui, “o princípio de razão (de tudo se deve oferecer a razão ou a causa; do que não houver causa ou razão não segue nenhum efeito e nenhuma consequência) coincide com o princípio dos seres (a causa de si), e por isso o princípio das ideias e o das coisas é um só e o mesmo. Sustentáculo das demais definições e dos axiomas,

as coisas²⁵. E, por ser livre, “existe a partir da só necessidade de sua natureza e determina-se por si só a agir” (E1Def7). Ora, além da Substância ser “causa de si, isto é, sua própria essência envolve necessariamente existência, ou seja, à sua natureza pertence existir” (E1P7). E, simultaneamente existe em si mesma e não carece de nada, pois é causa autoprodutora e não transitiva, assim, produz necessariamente infinitas coisas, pois sua essência e potência fazem parte de sua natureza a qual “pertence existir”.

Por certo, observa-se que a subversão de Spinoza em sua *Ética*, qual seja, de que a essência de Deus envolve necessariamente existência. Ora, isso ocorre porque à natureza de Deus “pertence existir²⁶”. Cabe mencionar ainda que, segundo Deleuze, “a essência de Deus, isto é, sua natureza, foi constantemente ignorada; e isso porque foi confundida com os próprios” (Deleuze, 2002, p. 110). Só que, em Spinoza a essência ou natureza de Deus corresponde à “composição de relações” ou às leis necessárias de causa e efeito que se dão em simultaneidade. Assim, podemos observar que em Spinoza certamente ocorre o contrário da tradição, pois a natureza de Deus não é ignorada. Desse modo, compreendemos que a Substância por existir em si mesma, necessariamente, não pode ser produzida nem pode existir através de outra coisa, pois “toda substância é necessariamente infinita” (E1P8). Logo, o ser infinito da Substância é senão uma “afirmação absoluta da existência de alguma natureza”

fundamento da demonstração da infinitude e unicidade da substância, essa definição sustentará a demonstração da reversibilidade necessária entre a causa de si e a causa eficiente imanente de todas as coisas, isto é, que no mesmo sentido em que Deus é dito causa de si deve ser dito causa eficiente imanente de todas as coisas” (Chaui, 1999, p. 62 - 63).

25 “Somente a sexta, a definição de Deus, necessita de provas e será demonstrada nas proposições seguintes da Parte I. Entretanto, a necessidade de demonstrá-la não implica na sua exclusão das *notions communes*; o motivo citado por Spinoza para esta necessidade é devido à falta de atenção dos homens que não atentam na natureza da substância e somente por isto hesitam em considerá-la como axioma ou noção comum ou a preconceitos, que fazem com que eles não atentem na natureza da substância, hesitando em considerá-la como axioma ou noção comum” (Fragoso, 2004, p. 14). Cf. FRAGOSO. Emanuel Angelo da Rocha. A definição de Deus na *Ética* de Benedictus de Spinoza. **Kalagatos** - Revista de filosofia do Mestrado acadêmico em filosofia da UECE, Fortaleza, v.2 n.4, 2004. p. 11-31. ISSN 1808-107X.

26 “À natureza da substância pertence existir” (E1P7).

(E1P8). Entretanto, a natureza da qual o autor concerne à natureza da Substância, isto é, às leis de sua natureza. Conforme cita, “[...] da só necessidade da natureza divina ou (o que é o mesmo) somente das leis de sua natureza” seguem-se “infinitas coisas” (E1P16D). Além do mais, na proposição 15 da Parte 1 “tudo o que é, é em Deus, e nada sem Deus pode ser nem ser concebido” (E1P15). Sendo assim, “Deus age somente pelas leis de sua natureza” (E1P15S). Logo, as leis de Deus são leis eternas e imutáveis²⁷. Assim, a ideia de Deus-Natureza se dá necessariamente.

Ora, na filosofia de Spinoza, nada sem Deus pode ser dado como existente. Conforme cita, “além da Substância e dos modos nada é dado” (E1P28D). Em vista disso, segundo o autor “tudo é determinado pela necessidade da natureza divina a existir e operar de maneira certa” (E1P29). Inclusive, não há transcendência em sua filosofia, mas uma causa eficiente e imanente para as coisas serem como são. Além disso, sua filosofia está fundamentada sobre a física (causas e efeitos). Segundo demonstra-nos, em sua *Ética*, “na natureza das coisas nada é dado de contingente” (E1P29). Portanto, tudo é produção de Deus porque tudo ocorre “[...] da só necessidade da natureza divina” (E1P17D). Logo, tudo é efeito da Substância imanente e absolutamente infinita, Deus.

Portanto, na filosofia de Spinoza há apenas uma única Substância, isto é, Deus²⁸,

27 Diferentemente, para o filósofo e teólogo Tomás de Aquino Deus age por “livre vontade”. Segundo nos demonstra no capítulo 96 de seu *Compêndio de Teologia* (1979), “Deus não opera por necessidade, mas em virtude de sua livre vontade” (Aquino, 1979, p. 97). Ainda, segundo o autor demonstra-nos no parágrafo 185 do capítulo 97, “efetivamente, a diferença entre o que age por necessidade e o que age livremente está no seguinte: o primeiro age sempre da mesma forma, enquanto que o segundo age cada vez como quer” (Aquino, 1979, p. 98). Além do mais, o autor conclui no capítulo 100 da obra supracitada que “Deus faz tudo em vista de um fim” (Aquino, 1979, p. 101). Por conseguinte, no capítulo 35, parágrafo 69, da obra supracitada, Tomás de Aquino afirma que “Deus é uno, simples, perfeito, infinito, dotado de inteligência e de vontade” (Aquino, 1979, p. 85). Em suma, em sua teologia há um “querer de Deus”, “vontade de Deus”, “desejo de Deus”, etc. Inclusive, o autor aponta ainda no parágrafo 190 do capítulo 99 que “a fé católica não admite nada de eterno afora Deus” (Aquino, 1979, p. 100).

28 Na definição 6 da Parte I da *Ética* Spinoza compreende por Deus “o Ente absolutamente infinito, isto é, é a substância que consiste em infinitos atributos, cada um dos quais exprime uma essência eterna e infinita”. (*Per Deum intelligens absolutè infinitum, hoc est, substantiam constantem*

como causa de todas as coisas. Seus infinitos atributos infinitos são expressões da Substância, dos quais nosso intelecto percebe dois: Atributo Pensamento e Atributo Extensão. Para o autor, não há Substâncias, mas a Substância (Deus), ou o que é o mesmo, há univocidade do Ser. Acerca dessa questão, Lívio Teixeira (2001) ²⁹ diz o seguinte,

Espinosa não pode aceitar a doutrina cartesiana da substância em consequência de sua visão monista da realidade, que é a intuição fundamental de seu sistema. Descartes, ao contrário, em uma visão pluralista da realidade postula a pluralidade das substâncias, resultando, aliás, que no seu sistema a concepção de substância não tenha um caráter unívoco. Há a substância divina, substância por excelência, que Descartes define em termos semelhantes aos do próprio Espinosa, e há também as substâncias criadas, o pensamento e a extensão. [...]” (Teixeira, 2001, p. 117-118).

Mas, para compreendermos melhor esses termos, vejamos o que o próprio Spinoza nos demonstra na obra *Princípios da Filosofia Cartesiana*³⁰ e o que nos oferece acerca do

in infinitis attributis, quorum unumquodque aeternam, & infinitam essentiam exprimit). Diferentemente, na tradução de Tomás Tadeu da *Ética* utilizaram-se os artigos indefinidos, “um” e “uma” no lugar dos artigos definidos “o” e “a” acerca do conceito de Deus ficando da seguinte forma, “por Deus compreendo um ente absolutamente infinito, isto é, é uma substância que consiste de infinitos atributos, cada um dos quais exprime uma essência eterna e infinita” (E1Def6).

29 Cf. TEIXEIRA, Lívio. **A doutrina dos modos de percepção e o conceito de abstração na filosofia de Espinosa**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

30 A presente obra de Spinoza advém de um curso de física cartesiana ministrado pelo autor ao seu aluno, Johannes Caseário. Seu intuito era o de demonstrar maiores explicitações sobre questões ainda assaz complexas sobre a metafísica geral e especial. Spinoza toma como norte a obra de René Descartes (1596-1650). *Princípios da Filosofia* (1644) para explicar as problemáticas propostas pelo pensador francês ao passo que ministra ao seu aluno o presente curso. A obra será muito importante para observarmos até onde alcança a forma filosófica analítica de Descartes observada à luz do pensamento de Spinoza, entretanto, de forma sintética. Algumas explicitações, posteriormente, serão pensadas na *Ética* para, a partir de seu método sintético, examinar “as causas por seus efeitos”. Além do mais, teremos como observar (a título de pesquisa) as diferenças entre seu pensamento e o pensamento cartesiano. Acerca da publicação completa das obras de Spinoza após seu falecimento, citamos Luís Meyer (Lodewijk Meijer) que nascera e falecera em Amsterdã (1629-1681). Meyer foi amigo de Spinoza e, provavelmente, quem se encarregou de organizar os textos para publicá-los posteriormente. Destarte, o opúsculo está composto das Partes I e II dos *Princípios da Filosofia de René Descartes demonstradas à maneira geométrica* seguida de

pensamento de Descartes. Conforme a definição 6 do PPC: “a substância em que o pensamento está imediatamente chama-se mente” (PPC1Def6). Em seguida, na definição 7, Spinoza demonstra-nos que “a substância que é sujeito imediato da extensão, como os da figura, da situação, do movimento local, etc., chama-se corpo” (PPC1Def7). Por fim, na definição 8 é demonstrado que “a substância que entendemos ser por si sumamente perfeita, e na qual não concebemos absolutamente nada que envolve algum defeito, ou seja, limitação de perfeição, chama-se Deus” (PPC1Def 8). Além disso, na demonstração da proposição 8 explicita que “a mente e o corpo são substâncias que podem existir uma sem a outra; logo, a mente e o corpo distinguem-se realmente” (PPC1P8D). Ora, em relação à Substância, segundo Mariana Gainza (2011), “devido ao fato de Descartes manter a noção de substância como sujeito de inerência de predicados, sua concepção dos atributos e os modos acaba sendo equívoca” (Gainza, 2011, p. 131). E, como bem podemos observar, em uma carta de Descartes³¹ enviada a Elisabeth, (junho de 1643) essa questão de união entre corpo e mente é um tanto problemática. Segundo cita: “as coisas que pertencem à união da alma e do corpo não são conhecidas senão obscuramente pelo entendimento só, ou mesmo pelo entendimento com o auxílio da imaginação; mas são conhecidos mui claramente pelos sentidos [...]”³².

Por conseguinte, é possível observar no capítulo 1 da Parte 2 do Apêndice dos *Pensamentos Metafísicos*³³ que Spinoza³⁴ expõe

um pequeno fragmento da Terceira parte que trata sobre “o mundo visível” e, por fim, de dois Apêndices dos *Pensamentos Metafísicos* (CM). Além disso, o prefácio é redigido por Meyer no qual explicita-nos a importância da Filosofia de Descartes no que concerne aos sólidos fundamentos das ciências, das problemáticas da metafísica universal e da especial, dentre outras questões. Para uma análise da publicação da obra a partir das correspondências de Spinoza, cf., **Spinoza**: obra completa II: correspondência completa e vida. São Paulo: Perspectiva, 2014. p. 84-96.

31 Cf. DESCARTES, René. Cartas. In: **Descartes**. Introdução de Gilles-Gaston Granger. Prefácio e notas de Gérard Lebrun. Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. 1. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1973e, p. 307-336. (Coleção Os Pensadores).

32 DESCARTES, ref.138, p. 313.

33 Ademais, Spinoza apresenta-nos “as principais questões que vulgarmente ocorrem na parte especial da metafísica acerca de Deus e seus atributos e da mente humana”. (PPC2Ap).

34 “Ao mesmo tempo [...] poderíamos não só considerar os *Pensamentos Metafísicos* como a apresentação de credenciais filosóficas para o meio acadêmico holandês, mostrando um

que as Substâncias são divididas em dois “gêneros supremos, a saber, a extensão e o pensamento, e o pensamento em criado, ou seja, a mente humana, e incriado, ou seja, Deus³⁵” (CMII/1). Dita essas observações, demonstrar-nos-á nos *Cogitata* (CM) acerca da divisão dos entes. Conforme cita, “cabe dividir o ente que por sua natureza existe necessariamente, ou seja, cuja essência envolve existência, e ente cuja essência não envolve existência senão possível. Este último divide-se em substância e modo” (CM1/1/12). Acerca disso, para Marilena Chaui (1999) “o que se prepara nos *Cogitata* é a alteração da perseidade e inseidade substanciais” (Chaui, 1999, p. 398).

ROMPENDO COM O DUALISMO CARTESIANO

Voltando novamente a *Ética* de Spinoza podemos perceber que seu edifício filosófico começa pela causalidade eficiente e necessidade absoluta de Deus conforme já observado. Rigorosamente, nosso autor nos esclarece que a *causa sui* é causa de todas as coisas que são e existem. Isso, não somente coloca como conceito imprescindível em sua filosofia para a conexão com todas as coisas que são e existem, mas também ao mesmo tempo demonstra-nos que essa causa não necessita de outra causa que a sustente. Sobretudo, Deus é a única substância imanente, isto é, causa e expressão de tudo (*Deus sive Natura*). Portanto, Deus “é o ente absolutamente infinito, isto é, a substância que consiste em infinitos atributos, cada um dos quais exprime uma essência eterna e infinita” (E1Def6).

De acordo com nosso autor “[...] além de Deus³⁶ nenhuma substância pode ser dada nem

autor familiarizado com as grandes questões da metafísica, como ainda compreender o empenho do filósofo em não se apresentar já tomando partido nas disputas metafísicas do tempo” (Chaui, 1999, p. 332).

35 Deus, segundo o filósofo Descartes, está para além da razão. Conforme cita: “é necessário acreditar em tudo o que Deus revelou, embora Ele esteja para além do alcance do nosso espírito. Assim, se Deus nos concedeu a graça de descobrir coisas que ultrapassam o vulgar alcance do nosso espírito, como os mistérios da Encarnação e da Trindade, não oporemos qualquer dificuldade em acreditar neles, apesar de não os entendermos talvez muito claramente. Com efeito, não devemos achar estranho que na sua Natureza, que é imensa, e naquilo que fez, haja muitas coisas que ultrapassam a capacidade do nosso espírito” (Descartes, 1997, artigo 25, p. 36).

36 Para Lívio Teixeira, segundo Spinoza, “a ideia de um Deus enganador só pode vir de uma concepção abstrata de Deus, isto é, uma concepção que separa Deus e o universo, atribuindo substancialidade a Deus e também a coisas do

concebida; e daí concluímos que a substância extensa é um dos infinitos atributos de Deus. [...]” (E1P15S). Da mesma forma ocorre com o atributo Pensamento. Portanto, não existem duas substâncias, mas apenas a Substância absolutamente infinita, Deus. Ora, “como ser finito é deveras negação parcial, e ser infinito é afirmação absoluta da existência de alguma natureza³⁷” podemos concluir que só existe uma única substância necessariamente infinita. Acerca disso, para Deleuze: “o argumento de Spinoza passa a ser o seguinte: os atributos são realmente distintos” (Deleuze, 2017, p. 37), além disso, “a distinção real não é numérica; logo, só existe uma substância para todos os atributos³⁸”. Portanto, não se dão duas ou mais substâncias³⁹, pois cada atributo “exprime a realidade, ou seja, o ser da substância. Logo, está longe de ser absurdo atribuir a uma substância vários atributos” (E1P10S). Além do mais, os atributos, também exprimem necessidade, isto é, eternidade e infinidade ou, como bem demonstra-nos Carlos Wagner Benevides Gomes⁴⁰: “o atributo enquanto gênero determinado de existência infinita exprime a existência de um gênero de ser a partir da potência infinita da Substância” (Gomes, 2021, p. 27).

Dessa forma, “a partir desta teoria dos atributos de uma única Substância, Spinoza rompe com a concepção cartesiana, ou seja, com

universo, tais como a extensão e a alma do homem. Essa é a concepção à qual se filia a ideia de criação, quer no mundo, quer das verdades eternas por um ato da vontade divina, concepção que por sua vez se encontra na base da hipótese cartesiana de Deus enganador” (Teixeira, 2001, p. 56). Cf. TEIXEIRA, Lívio. **A doutrina dos modos de percepção e o conceito de abstração na filosofia de Espinosa**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

37 E1P7S.

38 DELEUZE, 2021, p. 37.

39 “A operação espinozana de subversão das distinções cartesianas consiste, resumidamente, no seguinte: a separação da distinção real da distinção numérica, e a identificação da distinção real com uma distinção estritamente qualitativa ou formal. Graças a isso, sua filosofia permite pensar simultaneamente a multiplicidade e a unidade da substância: é a distinção real como distinção formal aqui, levada ao absoluto, torna-se capaz de expressar a diferença no ser, isto é, a irreduzibilidade formal de uma infinidade de atributos em sua identidade ontológica” (Gainza, 2011, p. 130).

40 GOMES, Carlos Wagner Benevides. **O papel da finalidade imanente da ação humana na ética e na política de Spinoza**. 2021. 271 f. Tese (Doutorado em Filosofia) — Instituto de Cultura e Arte, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2021.

o dualismo substancial de Descartes, a saber, da substância pensante (mente) e da substância extensa (corpo)⁴¹”. Portanto, diferentemente de Descartes, Spinoza apresenta-nos em sua filosofia a univocidade do Ser que precede do monismo substancial e absoluto de Deus. O que exclui qualquer dualidade substancial, além dessa dualidade substancial apresentada por Descartes, no artigo 23 dos *Princípios da Filosofia*, o autor apresenta-nos certo “querer de Deus”. Conforme cita: “Ele não quer a malícia do pecado, visto que esta constitui a privação do bem” (Descartes, 1997, artigo 23, p. 35-6). Importa ressaltar ainda na obra *Princípios de Filosofia*, Descartes enfatiza que “a principal perfeição do homem é ter livre-arbítrio e é isso que o torna digno de louvor ou censura” (Descartes, 1997, artigo 37, p. 40). Além disso, na obra *Paixões da Alma*, III, artigo 152, é possível notar ainda “apenas uma coisa que nos possa dar a justa razão de nos estimarmos, a saber, o uso de nosso livre-arbítrio e o império que temos sobre nossas vontades; pois só pelas ações que dependem desse livre-arbítrio é que podemos com razão ser louvados ou censurados e ele nos faz de alguma maneira semelhante a Deus, [...]” (Descartes, 1973d, p. 286). Nesse sentido, também podemos observar um distanciamento entre o pensamento de Spinoza e o de Descartes, isso porque, para Spinoza o homem não é um império num império.

Acerca desse assunto, por exemplo, Bartuschat aponta que “o cartesianismo é, para Espinosa, a variante de uma teoria antropomórfica de Deus” (Bartuschat, 2010, p. 29). Ora, vejamos, por exemplo, uma parte da correspondência entre Spinoza e Oldenburg acerca das diferenças entre sua filosofia e a de Descartes para observarmos com maior rigor seu pensamento ao declarar que, suas ideias, além de divergirem do pensamento do filósofo francês, também divergem do pensamento do

41 Contrariamente, na filosofia de Descartes, “mesmo que Deus tenha juntado tão estreitamente um corpo a uma alma sendo impossível uni-los mais, fazendo um composto dessas substâncias assim unidas, concebemos também que permaneceriam sempre realmente distintos apesar dessa união. Com efeito, independentemente da ligação que Deus estabeleceu entre eles, não conseguiu livrar-se do poder que tinha para separá-los, ou para conservar uma sem a outra. Ora, as coisas que Deus pode separar ou conservar separadamente umas das outras são realmente distintas” (Descartes, 1997, artigo 60, p. 49).

inglês Francis Bacon (1561 -1626). Portanto, conforme esclarece ao amigo Oldenburg:

Vós me perguntais em seguida quais erros observo na filosofia de Descartes e na de Bacon. Embora não esteja acostumado assinalar os erros cometidos por outros, me prestarei a satisfazer o vosso desejo. O primeiro e maior erro de ambos consiste em que estão muitíssimos distanciados de conhecer a primeira causa e a origem de todas as coisas. A segunda é que não conhecem verdadeiramente a natureza da alma humana. A terceira é que jamais apreenderam a causa do erro. Ademais esses três conhecimentos que lhes faltam são sumamente necessários, e apenas homens privados de qualquer cultura e saber podem ignorá-los. [...]. De Bacon direi pouca coisa: ele fala muito confusamente sobre esse assunto e não prova quase nada, limitando-se a uma descrição. Com efeito, em primeiro lugar ele supõe que o entendimento humano, sem falar dos erros cujas causas são os sentidos, está, por sua própria natureza, condenado ao engano, forjando sobre todas as coisas ideias que, ao invés de se acordarem com o universo, só se conciliam consigo mesmas; tal como espelho que, refletindo desigualmente os raios luminosos, deformaria as coisas. Em segundo lugar, o entendimento humano conduzido naturalmente em abstração toma por propriedades imutáveis o que não é senão passageiro. E em terceiro lugar, a mobilidade própria ao entendimento o impede de fixar-se e jamais se deter. Essas causas dos erros e outras que ele indica podem facilmente se reduzir a causa única indicada por Descartes, a saber que a vontade do homem é livre e mais ampla que o entendimento ou, ainda, como diz o próprio, ver o lance em uma linguagem mais confusa (aforismo 49). O entendimento não é uma luz seca, mas impregnada de vontade (notar a esse respeito que Verulam toma o entendimento pela alma no que se diferencia de Descartes)⁴². (Ep2).

De acordo com Spinoza as concepções de Descartes são falsamente determinadas⁴³,

42 Segundo Bartuschat, a crítica de Spinoza está relacionada à obra *Meditationes de prima philosophia* (1641). Segundo seu pensamento: “Descartes toma como ponto de partida a mente humana e encontra nela um princípio de certeza indubitável fundado em um ato de pensamento autorreferente. [...]” (Bartuschat, 2010, p. 29).

43 Ora, “partindo de um eu pensante concebido como não referido a Deus, Descartes chegar então a Deus como aquela instância que compensa a insuficiência que o eu tem de tornar compreensível, a partir de si mesmo, a relação com o mundo. Para Espinosa isso é um procedimento errôneo em princípio, pois ele não apreende o que é um princípio incondicionado. Partindo de um infinito, o incondicionado fica determinado pelo condicionamento do sujeito humano. Tal sujeito não pode jamais livrar-se de seu ponto de partida deficiente e

pois ambos, ou seja, Descartes e Bacon, “não observaram que entre a vontade, de um lado, e esta ou aquela volição, de outro, existe a mesma relação que entre a brancura e este ou aquele branco, ou entre a humanidade e este ou aquele homem” (Ep2). Além do mais, segundo Spinoza, não é possível conceber “a vontade como causa de uma volição determinada” (Ep2). Posto que a vontade é um modo de pensar, isto é, “é um ser de razão”. Dadas essas explicitações, o autor holandês conclui que “as volições particulares possuem uma causa de existência e não pode ser chamada de livres, pois são necessariamente tais como resultam das causas que as determinam” (Ep2). Importa ainda saber que o argumento utilizado por nosso autor em sua correspondência concerne ao que propriamente Descartes apresenta sobre as volições particulares, a saber, que “os erros são volições particulares”. Sendo assim, é possível compreender a assertiva de Spinoza ao apontar que “segue-se necessariamente daí que elas não são livres, mais determinadas por causa exteriores e, de maneira alguma, pela vontade” (Ep2).

Além do mais, segundo o pensamento filosófico de nosso autor, os indivíduos (modos finitos) ou as coisas singulares, sendo finitos, possuem liberdade finita. Logo, não há possibilidades de serem absolutamente livres. Sendo assim, somente e tão somente “Deus é causa livre⁴⁴. E, mais do que isso, Deus ou a Substância existe e age pela só necessidade de sua natureza. Dito de outra forma, só a Substância ou Deus (o que é o mesmo) é causa

consequentemente o leva para dentro do incondicionado, o qual então é pensado a partir do condicionado e não como incondicionado. Pensado a partir do condicionado, o incondicionado não é concebido a partir dele mesmo, mas em um conteúdo que resulta da máxima intensificação possível daquilo que em nós, seres humanos, é imperfeito: aquilo que o homem possui em uma medida modesta (intelecto ou também vontade) pertence em máxima perfeição a Deus, o ser incondicionado. O cartesianismo é, para Espinosa, a variante de uma teoria antropomórfica de Deus” (Bartuschat, 2010, p. 30).

44 Por exemplo, no *Breve Tratado*, Spinoza enfatiza que “a verdadeira liberdade é apenas, e não outra senão a causa primeira, a qual não é de nenhuma maneira coagida ou necessitada por outro, e apenas por sua perfeição é causa de toda perfeição”. Cf. SPINOZA, Benedictus de. **Breve tratado**. Tradução, introdução e notas de Emanuel Angelo da Rocha Fragoso e Luiz César Guimarães Oliva. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. (Coleção Filo/Espinosa).

livre⁴⁵ (E1P17C2). Portanto, o homem é um modo finito em seu gênero. Não é absolutamente livre. Contudo, sua liberdade não precisa se dar (manifestar) a partir de uma alegria ou desejo imaginário (passivo). Acerca disso, ao questionar a livre liberdade do homem, Chaui observa que não faz sentido algum colocar sobre o indivíduo, ou seja, modo finito ou coisa singular, uma liberdade absoluta, antes ela pode ser refletida, compreendida e determinada.

É interessante ainda esclarecermos que em sua doutrina filosófica “a essência do homem não pertence ao ser da substância, ou seja, a substância não constitui a forma do homem” (E2P10). Ora, se pertencesse ao homem, ele existiria necessariamente. E tal hipótese, segundo o autor, seria absolutamente absurda. Entretanto, nosso autor afirma que o homem ao conhecer o que pode ser, isto é, ao compreender sua potência de agir e existir em ato, ainda que não seja absolutamente livre – pois “é dita livre aquela coisa que existe a partir da só necessidade de sua natureza e determina-se por si só a agir⁴⁶” – pode determinar-se, isto é, viver e agir virtuosamente em sociedade a partir de ideias e causas adequadas. Para a Chaui, por exemplo, sobretudo, é através da razão (noções comuns e ideias adequadas) que esse “processo liberador” é iniciado⁴⁷. Em suma, para o autor

45 Também, no *Breve Tratado*, nosso autor opera uma forte crítica aos que acreditavam que Deus é livre porque pode fazer algo bom ou mau. Para o autor, “apenas Deus é a única causa livre, [...] porque fora d’Ele não existe nenhuma causa externa que o coaja ou necessite; tudo isso não tem lugar nas coisas criadas”. Cf. KV/1/4/5.

46 E1Def7.

47 Acerca do processo liberador, Marilena Chaui indicamos as quatro primeiras proposições da Parte V da *Ética* como partes fundamentais desse processo que se inicia no próprio interior das paixões. Vejamos o que nos dizem a seguintes proposições, a saber, a proposição 1 na qual Spinoza cita que “conforme os pensamentos e as ideias das coisas são ordenados e concatenados na mente, assim também, à risca, as afecções do corpo ou imagem das coisas são ordenadas e concatenadas no corpo”. A proposição 2 que nos esclarece que “se afastarmos uma comoção do ânimo, ou afeto, do pensamento da causa externa e unirmos a outros pensamentos, então o amor ou ódio a causa externa, assim como as flutuações do ânimo que deixes se originam, serão destruídos”. Em seguida, a proposição 3 que afirma que “o afeto que é uma paixão deixa de ser paixão tão logo formemos uma ideia clara e distinta dele”. E, por fim, a proposição 4 que enfatiza que “não há nenhuma afecção do corpo de que não possamos formar um conceito claro e distinto”. Portanto, conforme Chaui: “o que torna possível essas proposições é processo liberador iniciado no interior das paixões. À medida que

da *Ética*, o corpo e a mente estão unidos e agem ou padecem em pluralidade simultânea, pois “a mente é ideia do corpo. E, que, o corpo existe tal como o sentimos⁴⁸”. Portanto, todas as coisas que existem e são têm como causa Deus, ou seja, tem como causa o Ente absolutamente infinito que “consiste em infinitos atributos, dos quais cada um exprime uma certa essência eterna e infinita” (E1P10S).

CONCLUSÃO

Em suma, no sistema filosófico de Spinoza, a Substância (Deus) é única e absolutamente livre e eterna. Logo, não pode haver duas ou mais substâncias. Por isso que na *Ética* nosso autor demonstra muito precisamente a imprescindibilidade de se conhecer adequadamente todas as partes de sua obra. Não é à toa que na Parte 1 nosso autor inicia com Definições e Axiomas para apresentar as bases que fortalecem e esclarecem seu sistema e só após esses esclarecimentos que surgem as proposições, as demonstrações, os escólios, os corolários etc. De fato, são muito ricas e pertinentes suas observações sobre Deus, seus atributos e modos. E, o mais interessante é que o encandeamento de ideias forma conexões bastante coerentes em seu sistema filosófico. Disso, conclui-se a necessidade de conhecer toda a obra, ou seja, tanto a parte que trata sobre a epistemologia ou teoria do conhecimento (Parte 2), como também a parte que trata acerca da “psicofísica dos afetos” (Parte 3) e, sobremaneira, suas ricas contribuições a despeito da liberdade, da servidão humana e da felicidade ou beatitude (Partes 4 e 5). Isso, sem dúvidas torna sua filosofia um divisor de águas para grande parte do pensamento moderno.

Dito isso, o presente estudo filosófico aponta sistematicamente o que são as expressões

as paixões tristes vão sendo afastadas e alegres vão sendo reforçadas e ampliadas, a força do *conatus* aumenta, de sorte que a alegria e o desejo dela nascido tendem, pouco a pouco, a diminuir nossa passividade e nos prepararmos para a atividade” (Chaui, 2011, p. 99). Cf. CHAUI, Marilena de Souza. **Desejo, paixão e ação na ética de Spinoza**. São Paulo: Companhia das letras, 2011.

48 Segundo Chaui: “uma vez que a união dos atributos constitui a substância, a união do corpo e da mente constitui um modo humano singular a essa união, por ser constituição, é total, de sorte que a mente percebe tudo o que acontece no objeto da ideia, [...]”. Cf. CHAUI, Marilena de Souza. **A Nervura do Real II – Imanência e liberdade em Espinosa**. v. 2 (Liberdade). São Paulo: Companhia das Letras, 2016, p. 206-207.

da Substância e porque só há uma única Substância (monismo absoluto) denominada Deus, ou seja, Natureza (*Deus sive Natura*) segundo as ideias filosóficas de Spinoza. Para o autor da *Ética*, os atributos exprimem o ser da substância divina e, portanto, exprimem a realidade de Deus de modos distintos e determinados. Em suma, de acordo com seu pensamento filosófico “é da natureza da Substância que cada um de seus atributos seja concebido por si” (E1P9S). Além disso, “visto que todos os atributos que ela tem sempre foram simultaneamente nela, e nenhum pôde ser produzido por outro, mas cada um exprime a realidade, ou seja, o ser da substância”, cada atributo é distinto e “exprime sua existência eterna” (E1P9S). Portanto, por ser Deus o Ente absolutamente livre os indivíduos (modos finitos) não possuem liberdade absoluta, mas somente determinada. Dessa forma, nosso autor refuta, a partir do conceito filosófico acerca de Deus e de seus atributos, o dualismo cartesiano e a ideia de livre-arbítrio.



REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Napoleão Mendes de. **Gramática Latina**: curso único e completo. 25. ed. São Paulo: Saraiva, 1994, p. 144.
- AQUINO, São Tomás. **Compendio de teologia**. São Paulo. Abril Cultural, 1979. (Coleção Os Pensadores).
- BARTUSCHAT, Wolfgang. **Espinosa**. Tradução de Beatriz Ávila Vasconcelos. Porto Alegre: ARTMED, 2010.
- CHAUI, Marilena de Souza. **Desejo, paixão e ação na ética de Spinoza**. São Paulo: Companhia das letras, 2011.
- CHAUI, Marilena de Souza. **A Nervura do Real - Imanência e Liberdade em Espinosa**. v. 1 (Imanência). São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- CHAUI, Marilena de Souza. **A Nervura do Real II — Imanência e liberdade em Espinosa**. v. 2 (Liberdade). São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- COLERUS, Jean. A Vida de Spinoza por Colerus. Fortaleza - CE: **Revista Conatus** — Filosofia de Spinoza, 2010, Disponível: em: www.benedictusdespinoza.pro.br/revista_conatus_. Acesso dia 23 de dezembro de 2024.
- JESUS, Luciano Marques de. **A questão de Deus na Filosofia de Descartes**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.
- DELEUZE, Gilles. **Curso sobre Spinoza** (Vincennes, 1978, 1981). 3. ed. Tradução para o português: Emanuel Angelo da Rocha Fragoso, Francisca Evelina Barbosa de Castro, Hélio Rabello Cardoso Junior e Jefferson Alves de Aquino. Fortaleza-Ce: EDUECE, 2019. (Col. *Argentum Nostrum*).
- DELEUZE, Gilles. **Espinosa e o problema da Expressão**. Tradução do GT Deleuze (coordenação de Luiz B. L. Orlandi). Rio de Janeiro: Editora 34, 2017. (Coleção TRANS).
- DELEUZE, Gilles. **Espinosa: filosofia prática**. Tradução de Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. Revisão técnica de Eduardo D. B. de Menezes. São Paulo: Escuta, 2002.
- DESCARTES, René. Discurso do método. In: **Descartes**. Introdução de Gilles-Gaston

Granger. Prefácio e notas de Gérard Lebrun. Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. 1. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1973a, p. 33-80. (Coleção Os Pensadores).

DESCARTES, René. *Meditações*. In: **Descartes**. Introdução de Gilles-Gaston Granger. Prefácio e notas de Gérard Lebrun. Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. 1. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1973b, p. 83-152. (Coleção Os Pensadores).

DESCARTES, René. *Objecções e respostas*. In: **Descartes**. Introdução de Gilles-Gaston Granger. Prefácio e notas de Gérard Lebrun. Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. 1. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1973c, p. 153-222. (Coleção Os Pensadores).

DESCARTES, René. *As paixões da alma*. In: **Descartes**. Introdução de Gilles-Gaston Granger. Prefácio e notas de Gérard Lebrun. Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. 1. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1973d, p. 223-306. (Coleção Os Pensadores).

DESCARTES, René. *Cartas*. In: **Descartes**. Introdução de Gilles-Gaston Granger. Prefácio e notas de Gérard Lebrun. Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. 1. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1973e, p. 307-336. (Coleção Os Pensadores).

DESCARTES, René. **Princípios da Filosofia**. Tradução de João Gama. Lisboa: Edições 70, 1997. (Textos Filosóficos).

ESPINOSA, Bento de. **Correspondência entre Espinosa e Oldenburg**. Tradução e notas de Samuel Thimounier Ferreira. Belo Horizonte: Autêntica 2021. (Filô Espinosa).

FRAGOSO, Emanuel Angelo da Rocha. **Biblioteca de Spinoza**. Disponível em: <<https://benedictusdespinoza.pro.br/biblioteca-do-spinoza.html>>. Acesso em: 04 jan. 2024.

FRAGOSO, Emanuel Angelo da Rocha. Uma análise do “método” empregado na *Ética* de Benedictus de Spinoza. **Kalagatos**. v. 7, n. 14, p. 11–32, 2010. ISSN 1984-9206. DOI: 10.23845/kalagatos.v7i14.5977. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/kalagatos/article/view/5977>. Acesso em: 26 jan. 2024.

FRAGOSO, Emanuel Angelo da Rocha. O conceito de Liberdade na *Ética* de Benedictus de Spinoza. **Revista Conatus** - Filosofia De Spinoza. v.1, n. 1. p. 27-36, 2007. ISSN 1981-7509. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/conatus/article/view/1650/1413>. Acesso em: 26 jan. 2024.

FRAGOSO, Emanuel Angelo da Rocha. A definição de Deus na *Ética* de Benedictus de Spinoza. **Kalagatos** - Revista de filosofia do Mestrado acadêmico em filosofia da UECE, Fortaleza, v.2 n.4, 2004. p. 11-31. ISSN 1808-107X.

GAINZA, Mariana de. **Espinosa: uma filosofia materialista do infinito positivo**. São Paulo: FAFESP, 2011.

GOMES, Carlos Wagner Benevides. **O papel da finalidade imanente da ação humana na ética e na política de Spinoza**. 2021. 271 f. Tese (Doutorado em Filosofia) — Instituto de Cultura e Arte, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2021.

JAQUET, Chantal. **A unidade do corpo e da mente: afetos, ações e paixões em Espinosa**. Tradução de Marcos Ferreira de Paula e Luís César Guimarães Oliva. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. (Coleção Filo/Espinosa).

JESUS, Luciano Marques de. **A questão de Deus na filosofia de Descartes**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997. (Coleção Filosofia).

JESUS, Luciano Marques de. As provas da existência de Deus em Descartes. **Revista Veritas** Porto Alegre. v.43, n.2, p.347–364, 1998. DOI: 10.15448/1984-6746.1998.2.35406. ISSN: 1984-6746 Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/veritas/article/view/35406>. Acesso em: 29 abr. 2023.

Luciano Marques de. **A questão de Deus na Filosofia de Descartes**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

RAMOND, Charles. **Vocabulário de Espinosa**. Tradução de Claudio Beliner. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

RIZK, Hadi. **Compreender Spinoza**. Tradução de Jaime A. Clausen. Petrópolis - RJ: Vozes, 2006.

TEIXEIRA, Lívio. **A doutrina dos modos de percepção e o conceito de abstração na**

filosofia de Espinosa. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

SPINOZA, Benedictus de. **Breve tratado.** Tradução, introdução e notas de Emanuel Angelo da Rocha Fragoso e Luiz César Guimarães Oliva. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. (Coleção Filo/Espinosa).

SPINOZA. Benedictus de. *Pensamentos Metafísicos, Tratado da Correção do Intelecto, Ética*, In: **Espinosa.** Seleção de textos de Marilena Chaui. Tradução de Marilena Chaui et al. 5. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991. (Coleção Os Pensadores).

SPINOZA, Benedictus de. **Ethica/Ética.** Edição bilíngue Latim-Português. Tradução do Grupo de Estudos Espinosanos; coordenação de Marilena Chaui. São Paulo: EDUSP, 2021.

SPINOZA, Benedictus de. **Obra completa II:** Correspondência Completa e vida. Tradução e notas de J. Guinsburg et al. São Paulo: Perspectiva, 2014.

SPINOZA, Benedictus de. **Princípios da filosofia cartesiana e Pensamentos metafísicos.** Tradução de Homero Santiago e Luiz César Guimarães Oliva. Belo Horizonte: Autêntica, 2015b.

ZILLES, Urbano. **A modernidade e a igreja.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993.

